

Brasília sai do Eixo e quase entra pelo cano

O urbanista Lúcio Costa é o pai de Brasília. Tem tios também: Oscar Niemeyer, o Arquiteto; Joaquim Cardozo, o homem das estruturas; Athos Bulcão, o decorador; JK e Israel Pinheiro, os construtores. Quando se discute o traçado, o destino, o Plano Piloto e suas distorções, o pai é que é chamado. Foi o que fizeram. Lúcio Costa esteve aqui, ouviu críticas à sua filha de 15 anos, deu opiniões e partiu. Disse que não volta mais aqui. O criador deixava a criatura no cerrado, na seca, no trânsito louco, no Plano Piloto contorcido e distorcido e partia para a luxúria do litoral carioca.

Minha primeira reação foi a de abandono. Lembrei um diplomata que me comparou Brasília a uma visão de um artista que tomou alucinógeno. O artista acordou, foi embora, mas sua visão ficou no cerrado. E nós vivemos dentro de sua visão.

Lembrei outras críticas, como a de Milton Campos, que teria chamado Brasília de "Bocejo de 180 graus". Lembrei as fases de depressão em que se admitia a volta da Capital para o Rio. E lembrei períodos em que a incapacidade administrativa castigava a pobre da filha do Lúcio Costa.

Antigamente, criticar Brasília era crime e pecado. Havia o medo do retorno e isto inibia. Hoje, a crítica é construtiva. O que não é construtivo é a cidade sofrer uma administração incapaz em silêncio, como ocorreu aqui por estas plagas em recente período.

Lúcio Costa tem razão. A filha é dele, mas já cresceu. Ele tinha um plano de educação para sua filha. Mas ela tomou outro rumo. Não se trata de uma filha errada, mas exótica, estranha, experimental. Como a criança fabricada no laboratório. Brasília tem pai, mas não tem matriz, pois é original, sem mãe.

Quando seu pai veio do Rio, encontrou-a distorcida, pervertida, sem as árvores suficientes, com alguns setores estrangulados ou adulterados. E se ele se aventurasse a cuidar da transviada, perderia tempo e cuca. Ela que se cuide, que se critique, que vá ao analista e parta para uma reconstrução. Ela está saindo dos Eixos e pode entrar por um Cano Monumental. É hora de parar, de colocar nas ruas sinais que evitem o Sinal da Cruz. De tentar descobrir estacionamentos para os automóveis.

Minha impressão, até hoje, é a de que planejaram Brasília na mesma hora em que planejavam nossa indústria automobilística. Os urbanistas estavam no Rio, os economistas em São Paulo. Enquanto Lúcio Costa imaginava o ser humano nas ruas, o pessoal da indústria automobilística imaginava as pessoas nos automóveis. Os automóveis ganharam a corrida. Os transportes coletivos de Brasília fracassaram. As grandes distâncias, na cidade linear, obrigaram o homem a utilizar o automóvel. Violentaram Brasília, uma jovem de 15 anos, linda e voltada para o futuro, exótica e estranha, experimental e laboratorial. Que tem problemas que devem ser tratados pelos que a dirigem e aqui vivem. Que nunca mais ninguém vá chamar seu pai por causa de seus erros!

O PENSAMENTO DO DIA: Brasília, de certa forma, é ainda uma cidade implantada, com gente transplantada que ainda apresenta sintomas de rejeição.

Policarpo Quaresma
EXCLUSIVIDADE DO
Jornal de Brasília

* 9 Ju